



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA E FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

ECÍLIA SILVA PEREIRA

O *PROFILING* COMO EXPRESSÃO DO PARADIGMA INDICIÁRIO

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO / 2011

ECÍLIA SILVA PEREIRA

**O *PROFILING* COMO EXPRESSÃO DO
PARADIGMA INDICIÁRIO**

Monografia apresentada ao Curso de Formação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Psicólogo(a).

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

CAMPINA GRANDE – PB

JUNHO / 2010

P436p

Pereira, Ecília Silva.

O profiling como expressão do paradigma indiciário [manuscrito] / Ecília Silva Pereira. – 2011.

34 f. : il. Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos, Departamento de Psicologia.”

1. Psicologia Forense. 2. Técnica de Investigação Criminal. 3. Técnica Profiling. I.Título.

21. ed. CDD 158

ECÍLIA SILVA PEREIRA

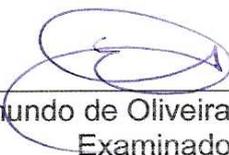
O *PROFILING* COMO EXPRESSÃO DO PARADIGMA INDICIÁRIO

Monografia apresentada ao Curso de
Formação em Psicologia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento à
exigência para obtenção do título de
Psicólogo(a).

Aprovada em 27/06 /2011.



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos / UEPB
Orientador



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Examinador



Prof. Dr. José Carlos Barros Silva / UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Elizabete J. da S. Pereira, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, a quem sempre agradeço pelo dom da vida e pelo aprendizado e amadurecimento a cada dificuldade superada.

À minha mãe, Elizabete Pereira, pelo esforço e dedicação com que me criou e por toda luta para me manter na universidade.

A meu orientador, Prof. Dr. Gilvan de M. Santos, pela experiência e conhecimentos compartilhados e por ter proporcionado o aprendizado essencial para que se pudesse construir um bom trabalho.

Ao Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio pelas aulas maravilhosas e em especial, porque em uma delas, sem querer, ele instigou a curiosidade necessária para o surgimento da ideia que deu origem a esse trabalho.

Ao Prof. Dr. José Carlos B. Silva, por ter sido inspiração como pessoa e como escritor.

À Prof^a Dr^a Aline Lobato pelas aulas, sem as quais eu não teria conhecido tão a fundo, nem me apaixonado pela psicologia investigativa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Ao meu companheiro Francieudeny L. Gonçalves, pelo apoio, confiança, carinho e puxões de orelha, às vezes necessários, que me ajudaram a não ceder e insistir nos momentos em que o trabalho parecia não sair do lugar.

"O homem saudável não tortura os outros, geralmente é o
torturado que se torna o torturador."

Carl Jung

RESUMO

Este trabalho monográfico explicita o que é a técnica de investigação criminal *profiling* e seu uso na investigação policial, na tentativa de identificar o suspeito até então desconhecido, a partir da análise da cena do crime, onde se encontra pistas visíveis, como impressões digitais e àquelas invisíveis como a agressividade, compulsão, nível de organização e até mesmo medo e ainda analisa seu surgimento como sendo expressão do paradigma indiciário de Giovanni Morelli, explicado por Carlo Guinzburg. Para isso faz uso da comparação das principais técnicas utilizadas por ambos e a que se destinam. Ele também faz um apanhado de casos na ficção e na vida real para ilustrar a eficácia do uso do perfil criminal a fim de descobrir o máximo possível acerca da personalidade do transgressor da lei e ajudar a polícia a conhecê-lo e capturá-lo. Trazendo para o Brasil defende-se a possível utilização da técnica *profiling* na identificação de um futuro criminoso antes que este possa, efetivamente, realizar atos que transgridam a lei, especialmente no tocante às escolas onde a partir de informações de jornais e revistas é possível notar um crescente aumento da violência nesses lugares, onde a educação, a boa vivência e o respeito pelo próximo deveriam ser prioridade.

PALAVRAS-CHAVE: Paradigma Indiciário. *Profiling*. Crime. Investigação.

A B S T R A C T

This work explains out what is the criminal investigation profiling technique is and its use in the police investigation in an attempt to identify previously unknown suspects from the crime scene analysis, where it is possible to see elements such as fingerprints and those who are invisible as aggression, compulsion, organization level and even fear and it still reviews its beginnings as an expression of the evidentiary paradigm of Giovanni Morelli explained by Carlo Ginzburg. To do this the work uses the comparison of the main techniques used by both and their destination. It also provides an overview of cases in fiction and real life to illustrate the efficacy of the criminal profilers use in order to discover the most about the personality of the offender and help police to meet and capture him. Bringing Brazil it defends the possible use of the profiling techniques to identify future criminals before this person can effectively carry out acts that violate the law, especially in situations where in the information from newspapers and magazines can be noted an increasing of violence in those places where education, good living and respect for the others should be priority.

KEYWORDS: Evidentiary Paradigm. Profiling. Crime. Research.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	DRAGNET.....	21
FIGURA 2 –	Locais das ofensas.....	22
FIGURA 3 –	Mapa de priorização.....	22
FIGURA 4 –	Escala ordenada de cores.....	22
FIGURA 5 –	Ajuste de definição específica do programa.....	23

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PSICOLOGIA CRIMINAL E CRIMINOLOGIA: um breve histórico	13
2	O PARADIGMA INDICIÁRIO	15
3	O MÉTODO <i>PROFILING</i>	17
3.1	A Vítima.....	23
3.2	Dificuldades e limitações do método.....	24
3.3	O <i>Profiling</i> Como Expressão do Paradigma Indiciário.....	27
4	ESTUDO DE CASOS NA FICÇÃO E NA VIDA REAL	28
4.1	O Massacre de Realengo, Rio de Janeiro – RJ.....	28
4.2	Criminal Minds, episódio 06 – 3ª temporada.....	30
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem como objetivo principal apresentar as similaridades existentes entre o método do Paradigma Indiciário, do médico Giovanni Morelli e o Profiling, método de investigação criminal utilizado com a finalidade de traçar o perfil psicológico do autor do crime, na tentativa de ajudar a polícia a identificá-lo. Tem como objetivo específico ajudar a pensar a carência de métodos de investigação que desvelem o perfil de criminosos e os métodos que impossibilitam atuais e futuras ações criminosas.

No primeiro capítulo é feito um breve apanhado histórico sobre a psicologia criminal e a criminologia ao longo do tempo, desde a Antiguidade Clássica, com pensadores que já abordavam o tema, até a problemática da criminalidade hoje, destacando-se o cerceamento da liberdade das pessoas e o encarceramento das mesmas em suas próprias residências.

No capítulo dois é feita uma apresentação do Paradigma Indiciário ou Método Morelliano, do médico Giovanni Morelli, a partir do texto de Carlo Guinzburg. Onde se põe em destaque suas raízes, que datam das técnicas usadas pelo homem caçador pré-histórico, suas técnicas e sua importância para a arte.

O capítulo seguinte aborda um resumo de algumas teorias e experiências, que tentam definir as origens da agressividade humana. Entre elas algumas consideram os fatores biológicos e genéticos e outras defendem a importância da interação social e das experiências vivenciadas ao longo da vida como fatores predominantes nas raízes dos comportamentos agressivos. É neste capítulo que é apresentado o *Profiling*, técnica de avaliação da personalidade criminal a partir da cena do crime e da vítima, surgida em meados do final dos anos 60.

O *Profiling* consiste em traçar o perfil do criminoso baseando-se em indícios normalmente antes negligenciados e quase imperceptíveis pela polícia comum, com a finalidade de se encontrar o autor do crime até então desconhecido. Ainda são apresentados os *Sherlock Holmes* da contemporaneidade e como e onde o seu trabalho é feito; também teoriza-se acerca da vítima, figura importante no crime que recebia até pouco tempo atrás, pouca ou nenhuma atenção, bem como as

dificuldades e limitações encontradas pelos profissionais para realizarem seu trabalho de *Profiler*. Encontra-se, ainda, neste mesmo capítulo um comparativo entre o *Profiling* e o Paradigma Indiciário, onde o primeiro, ao fazer uso da observação dos detalhes da cena, especialmente os detalhes que os investigadores não costumavam se deter – o padrão de comportamento e o perfil psicológico do autor do crime - vem a ser a expressão contemporânea desse Paradigma.

Finalmente, no capítulo quatro, para ilustrar o *Profiler* nos dias atuais, são feitas duas análises de criminosos, a primeira trata de um caso de um criminoso real, que aterrorizou uma escola no bairro do Realengo, na cidade do Rio de Janeiro – Brasil, em 7 de abril de 2011; um criminoso em massa que invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, especialmente meninas, matando doze desses alunos, com idades entre 12 e 14 anos. A análise mostra o que esse assassino tem em comum com outros criminosos em massa que atacaram escolas, investigando a hipótese de que Wellington Menezes de Oliveira – o criminoso - tenha sofrido do efeito viral da imitação, possivelmente estudando outros crimes em escolas, e se inspirando neles. É possível que através da internet, tenha aprendido a usar armas e deixar indícios do que iria fazer.

Outro caso estudado, no mesmo capítulo, faz parte do fictício seriado *Criminal Minds*, da emissora AXN, onde ele apresenta a equipe de Análise Comportamental do FBI em ação em uma cena de crime. No episódio, ela traça o perfil do criminoso a partir dos dados obtidos com a cena do crime e a vitimologia, e tentam ajudar a polícia a capturar o criminoso antes que esse cometa mais um crime.

Ilustra-se este trabalho monográfico na medida em que se apresenta a fragilidade da segurança em escolas, especialmente, as escolas brasileiras na atualidade. Como exemplo de alerta sobre essas fragilidades, em entrevista a revista *Veja* (cf: abril de 2011), o psicólogo Peter Langman, do hospital psiquiátrico da Pensilvânia, informou que casos como esse de ataques às escolas, costumam acontecer em intervalos de tempo muito pequenos e o estopim para esses ataques é o primeiro.

O Brasil não precisa esperar viver em um estado caótico de crimes violentos, em especial, ataques a escolas e chacinas de inocentes, para pensar medidas de identificação de criminosos e intervenções inteligentes junto aos mesmos. Sobre o universo das vítimas, sabe-se que identificar uma criança problemática ou que sofre violência psicológica, não seria a solução do problema, mas certamente uma intervenção a tempo ajudaria a diminuir a incidência de adultos traumatizados e com sede de vingança e nesses casos o Profiling poderia ser uma ferramenta muito útil, já que sua uma de suas funções é ajudar as forças competentes a identificar o autor de um crime e tentar impedir que o próximo crime venha a acontecer.

CAPÍTULO 1 - PSICOLOGIA CRIMINAL E CRIMINOLOGIA: UM BREVE HISTÓRICO

A partir da antropologia criminal surgiram diversas ciências interessadas em auxiliar o direito penal nos estudos tanto do crime como do criminoso e da vítima, trata-se da psicologia criminal e da criminologia. Sendo as bases do estudo da conduta antissocial, elas buscam a compreensão desse comportamento e para isso estudam desde os fatores biológicos, bioquímicos até os aspectos psicossociais considerando toda a trajetória do ser, da sua formação na infância até a vida adulta.

É notório que o problema do fato criminoso não é mais considerado isolado de um determinado local ou país, mesmo considerando que cada país possui suas leis e seus regimentos morais onde o que seria moralmente inaceitável em algumas regiões é normalmente aceito e praticado em outras, a exemplo da poligamia. É constatado que em várias sociedades cresce o número da criminalidade, constituindo-se em um fenômeno mundial, aumentando os níveis de insegurança, ansiedade e medo, levando a população, cada vez mais, a um isolamento social. Como diz Philip Feldman, parafrasiando Antônio de Pádua Serafim (2003) tem-se observado que em grandes centros urbanos as residências são sufocadas por grades, as crianças carecem de áreas lúdicas e tantas outras problemáticas desse tipo.

A psicologia criminal, ao estudar a complexidade do comportamento criminoso, baseia-se nos conceitos históricos fundamentados pela Criminologia, Antropologia, Sociologia e Filosofia Criminal. Historicamente observa-se a necessidade de regulamentações na vida em comunidade desde o Código de Hamurabi na Babilônia, onde já se entendia que a sociedade necessitava de um código de Leis e que os atos considerados errados já eram passíveis de uma punição organizada juridicamente e de acordo com a natureza do ato praticado.

Segundo Newton & Walter Fernandes (2002) na Antiguidade Clássica já existiam pensadores emitindo opiniões, reflexões ou conceitos de caráter criminológico, a exemplo de:

Confúcio (551-478 a.C.) – “tem cuidado de evitar os crimes para depois não ver-te obrigado a castigá-los”;

Esopo (século VI a.C) – “Os crimes são proporcionais à capacidade dos que os cometem”;

Protágoras (485-338 a.C) – “Ocultar o crime é tomar parte nele”;

Sócrates (470-399 a.C) – “Deveria-se ensinar aos indivíduos que se tornavam criminosos como não reincidirem, dando a eles a instrução e a formação de caráter de que precisam”;

Platão (427-347 a.C) – “o ouro do homem sempre foi motivo de seus males”; “onde há gente pobre haverá patifes, vilões, etc”.

No período de transição da Idade Média para os Tempos Modernos “ciências ocultas” como a Astrologia tentavam estudar e definir o destino e o comportamento do homem pela movimentação das constelações da faixa do Zodíaco; a Oftalmoscopia estabelecia o caráter do homem examinando a parte interior do olho; a Quiromancia tentava prever o presente, o passado e o futuro através do estudo das linhas da palma da mão; a Demonologia procurava conhecer os indivíduos “possuídos pelo demônio”; a Metoposcopia procurava determinar o caráter do indivíduo pelo exame das linhas e rugas do rosto e a Fisiognomonia tentava conhecer o caráter da pessoa pelos traços fisiognomônicos e pelo exame da conformação craniana. Todas essas manifestações, que tentavam desvendar alguns mistérios da humanidade, vêm a ser parte do *corpus* de ciências que viriam a surgir posteriormente, como a Criminologia, mais adiante, a Psicologia Criminal, e destas ainda, enfatiza-se a Fisiognomonia, que teve um papel de destaque na época e propiciou o aparecimento da Frenologia com Lombroso no Século XIX (FERNANDES & FERNANDES, 2002).

Até chegar em Lombroso vários autores, entre eles: Thomas Moro, que já defendia que as penas fossem menos cruéis e que fossem correspondentes à natureza dos delitos; Francis Bacon e Erasmo de Roterdan, que já sinalizavam o fator econômico como uma das causas da criminalidade; Martinho Lutero, que foi o primeiro autor a distinguir uma criminalidade rural de outra urbana; Filippo Franci, que criou a primeira prisão celular; Montesquieu, que defendia que a pena não deveria ser punitiva e sim ter um sentido reeducador; Rousseau e Voltaire, que lutaram pela reforma das prisões e outros filósofos; além de médicos e psiquiatras,

são considerados como sendo precursores da Criminologia. Todos eles deram espaço à Frenologia que, apesar de ter tido suas teorias e hipóteses muito criticadas e descartadas *a posteriori*, deu impulso para o grande desenvolvimento das ciências criminais que temos válidas hoje.

CAPÍTULO 2 – O PARADIGMA INDICIÁRIO

O homem, animal caçador que se agachava na lama e procurava pistas de sua presa aprendeu a fazer operações mentais complexas para, a partir da identificação de pistas, como pegadas, ramos e galhos quebrados, tufo de pelos e até odores estagnados, descobrir os passos de sua presa, com a intenção de rastreá-la, encontrá-la e capturá-la. Tratavam-se das primeiras tentativas de decifração através do exame minucioso do cenário e dos pequenos detalhes: as pistas.

Assim, com o passar do tempo os caçadores foram aprimorando, enriquecendo e transmitindo esse saber através das pinturas rupestres, artefatos, fábulas e histórias contadas por eles. Esse saber, do tipo venatório, é caracterizado pela capacidade de, a partir de dados, aparentemente negligenciados, remontar uma realidade complexa, o que permitiu ao caçador ser o primeiro a fazer a narração de histórias e a relatar sequências de acontecimentos.

O que caracteriza esse período era a tentativa de decifrar os passos de sua presa, se ela realmente teria passado por ali e se ele, o caçador, estava, assim, no caminho certo. Mais à frente no tempo os povos antigos, mais especialmente os mesopotâmicos, fazia-se uso da leitura das linhas da mão, da posição dos astros no nascimento ou o desenho formado por gotas de óleo em água, para adivinhar o futuro de uma pessoa. Tanto a adivinhação, voltada para o futuro, quanto a decifração, voltada para o passado, possuem em comum operações intelectuais complexas, como a análise, observação e comparação dos detalhes.

A observação passou a ser utilizada para praticamente tudo, até na medicina, o profissional das ciências médicas antes de decidir quais exames solicitar para

descobrir qual o mal que assola aquela pessoa, faz uma observação pormenorizada dos sintomas e do estado geral do paciente a fim de identificar a possível doença. Assim ele descarta exames desnecessários e chega com mais rapidez ao diagnóstico.

Pode ser observado no texto Sinais, Raízes de Um Paradigma Indiciário de Carlo Guinzburg (1989) que mais recentemente essa observação passou a ser muito útil inclusive na arte, quando, segundo ele, no final do século XIX surgiu o médico italiano Giovanni Morelli afirmando que os museus estavam lotados de quadros atribuídos de maneira errada e, na tentativa de devolver cada quadro a seu verdadeiro pintor, e distinguir os originais das cópias, ele criou o “método morelliano”.

Trata-se de um método para análise de obras de arte que não se baseia nas características mais vistosas dos quadros, mas ao contrário, em seus pormenores aparentemente mais negligenciáveis. De acordo com esse método, é possível identificar as falsificações, que se importam especialmente com essas características principais de cada pintor e de cada escola, mas não conseguem falsear aquilo que seria da ordem da singularidade do verdadeiro autor da obra. Para poder se descobrir uma falsificação, é necessário o exame minucioso de pormenores tais como os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Giovanni Morelli propôs que se procurassem os traços de personalidade de cada autor nos locais da pintura onde o esforço é menos intenso, menos planejado. Por causa disso, não se poderia intuir, jamais, se uma *Monalisa* de Da Vinci seria uma obra falsa fazendo a análise do seu sorriso, mas talvez através de outras particularidades pouco visualizadas por um observador comum.

Cada artista possui seus traços próprios, traços presentes nas obras originais, que não são encontrados em cópias e assim, Morelli estudou e catalogou as formas mais específicas de autores como Botticelli, Cosme Tura, Leonardo, Giorgione e muitos outros. Munido dessa coleção de traços específicos - um acervo inteiro de dedos, orelhas, unhas, nariz, etc. - ele levou a muitos museus da Europa, inúmeras novas atribuições. Apesar dos resultados obtidos, o método morelliano foi alvo de muitas críticas e, por um tempo, chegou a cair em descrédito. Segundo o autor, foi Wind (1940) quem renovou o interesse nesse paradigma, quando viu nele um

exemplo típico da atitude moderna em relação à arte, atitude esta que fazia com que se apreciassem os pormenores e, de preferência, a obra em seu conjunto.

Na publicação *Da Iconografia, Da Loucura e Da História*, da pesquisadora Thereza de B. Bauman (1997), verifica-se uma interessante utilização do paradigma indiciário de Morelli. Em sua pesquisa, ela identificou signos pictóricos significativos na obra de Bruegel: *O Combate do Carnaval com a Quaresma*, e identifica o conteúdo das imagens, os signos que simbolizam essa luta e o significado de cada um.

Fazendo uma verdadeira “leitura” das imagens de Bruegel, a autora fala das linhas rígidas, das cenas, dos movimentos colocados em um plano inclinado. Mais precisamente, a exemplo desse uso, ela fez uma análise das imagens de alimentos, bebidas, utensílios de cozinha, símbolos fálicos e detritos no chão, como ossinhos de aves, cascas de ovos, cartas de baralhos e até conchas de mexilhões, que aparecem em um canto da obra e as interpretou como sendo a representação do “baixo” corporal, que seria representação das pessoas simples, pobres e da vida cotidiana delas.

CAPÍTULO 3: O MÉTODO *PROFILING*

Quando os crimes aparecem na mídia escrita, falada ou televisada, uma questão que é levantada tanto pela própria mídia quanto pela população em geral é: porque a pessoa fez isso? Tal questionamento não refere-se normalmente a crimes que encontram nas necessidades básicas, como a fome a justificativa para o furto, por exemplo, mas sim a crimes bárbaros como o homicídio, o estupro, a tortura, entre outros. O que motiva algumas pessoas a reagirem e praticarem crimes hediondos contra o ser humano enquanto outras não o fazem? Como descobrir quem são esses transgressores?

Para explicar a agressividade humana, a ciência apresentou várias teorias ao longo do tempo. Alguns autores como Desmond Morris, Konrad Lorenz, Lionel Tiger,

Robin Fox, entre outros, defendem a natureza agressiva do ser humano como sendo inata. Freud, em *O Mal Estar na Civilização*, apoiava essa idéia ao dizer:

“O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo” (Freud, 1930 *apud* ARQUIVO EM PDF, p. 28-29)

Newton & Walter bem expõem em seu livro *Criminologia Integrada* (2002), o posicionamento de autores como o próprio Darwin que disse que o homem evoluiu a partir de animais não humanos e por isso o caracterizou como criatura violenta e bestial, e outros que em contrapartida afirmam que o homem é capaz de todo tipo de comportamento tanto o de matar como o de socorrer e colocam que não necessariamente esse comportamento se limita a ser determinado apenas geneticamente, e que se fazem necessárias, além da herança dos pais, o agrupamento de várias experiências pessoais, sociais e psicológicas ao longo da vida, para desenvolver e estimular o comportamento agressivo em uma pessoa.

Hoje é difícil para as ciências separar aquilo que é herdado daquilo que é adquirido ao longo da vida. Freud (Freud, 1930 *apud* ARQUIVO EM PDF, p. 28-29) acreditava que os primeiros cinco anos eram cruciais na formação da personalidade de uma pessoa, que no decorrer desses anos a criança passaria por estágios psicosssexuais de desenvolvimento e também que os problemas apresentados na idade adulta seriam resultados de interrupções bruscas em qualquer um desses estágios e/ou eventos traumáticos sofridos durante qualquer fase na infância. Entretanto na Logoterapia de Viktor E. Frankl (1986), o indivíduo não precisa necessariamente reduzir sua existência a patologias derivadas dos eventos da infância. Para o autor, “é verdade que o passado torna compreensível o presente”, mas devido o livre-arbítrio e a responsabilidade do homem, “não se admite que o futuro seja por ele (o passado) determinado” (FRANKL, 1986, p. 123). Frankl admite

que o homem tem o poder de escolher e trilhar seu caminho, sem negar a causa do problema, afirmando que a causa não seria o determinante, e sim a escolha que a pessoa faz para viver o momento atual. Afirmando que as pessoas não são reféns do seu destino, mas sujeitos ativos que podem e devem decidir a partir dele (o destino), diz o referido autor:

“os erros do passado deveriam ser tomados como fecundo material, útil para configurar um futuro melhor, já que com eles se aprendeu. Portanto, o homem, tem a liberdade para tomar perante o passado uma atitude meramente fatalista ou para aprender as suas lições.” (FRANKL, 1986, p. 124)

No tocante ao comportamento especificamente violento, Philip M. Feldman (1979) faz uma análise de uma pesquisa de Albert Bandura em que, este último, aponta, no ser humano, uma forte potencialidade para a violência a partir de experiências apreendidas no meio social, é o caso de uma pesquisa em que para algumas crianças foram apresentadas uma situação em que um adulto brincava com um boneco de uma maneira violenta e a outras foi apresentado num mesmo cenário o mesmo adulto que tratava tal boneco, só que desta vez ele o tratava de uma maneira menos agressiva. Tendo observado o comportamento dos adultos às crianças posteriormente foi permitido que interagissem e brincassem com o boneco. Nessa pesquisa constatou-se grandes diferenças no comportamento dos pequenos durante a interação com o boneco; aquelas que haviam presenciado as cenas mais fortes estavam mais tendenciadas a agir da mesma maneira que o adulto enquanto que as outras brincaram de uma forma muito mais branda.

A partir da publicação desta pesquisa de Bandura, alguns autores, na tentativa de reduzir a criminalidade, começaram a defender que as crianças fossem tratadas de formas mais amenas e que os pais não encorajassem suas atitudes violentas, bem como reduzissem o acesso das crianças a filmes e desenhos violentos. No entanto as ciências comportamentais ainda se deparam com o fato de que, apesar das influências sociais, familiares (como nos casos em que o filho cresce presenciando violência dentro de casa entre os pais ou familiares) e genéticas, ainda há uma grande maioria que não opta pela vida de crime. Porque então só alguns se tornam criminosos?

Apesar dessa indagação e estudos filosóficos sobre a natureza criminosa já datarem já de muito tempo, a participação das ciências no combate ao crime tem uma história relativamente curta. Mesmo estudando a natureza do homem e as causas de sua agressividade, só há mais ou menos 40 anos atrás é que surgiram técnicas que começaram a ser seriamente utilizadas pelas ciências criminais na tentativa de ajudar a polícia a resolver crimes. Até então isso era feito apenas pelo sistema judicial nas figuras dos policiais, investigadores e, às vezes, advogados. Associadas essas técnicas tem-se origem o que conhecemos hoje como *profiling*, palavra inglesa que significa “perfil”.

Na contemporaneidade são espécies de Sherlock Holmes, personagem criado pelo médico e escritor Sir Arthur Conan Doyle, que saíram da ficção e hoje são psicólogos, juristas, sociólogos ou qualquer pessoa versada em comportamento humano que estuda, faz curso de *profiler* e se interessa em trabalhar em conjunto com a justiça, os oficiais e a polícia de rua na resolução de crimes, desde a sua arquitetura e execução até a busca pelo seu desconhecido autor. O que antes era imaginado e pensado ser “palpite” como no caso das descobertas do personagem *Sherlock* em meados de 1956, hoje ainda não é ciência, mas está consolidando seu espaço em meio a elas como especialização importante, onde se estudam as técnicas das inúmeras correntes e teorias do estudo comportamental.

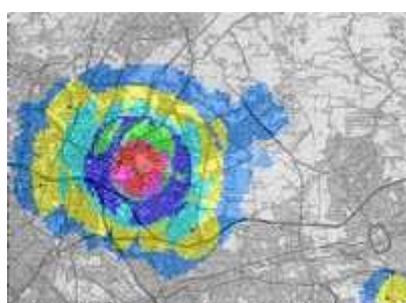
O *profiling* refere-se a um processo de análise do comportamento criminal utilizado como estratégia auxiliar de investigação policial onde é possível estudar e compreender o comportamento do criminoso através de uma cuidadosa análise de todas as informações disponíveis coletadas na cena do crime, como as impressões deixadas, tanto as visíveis e palpáveis, como objetos e marcas, quanto àquelas invisíveis que só podem ser sentidas como o ódio, a raiva, compulsão ou mesmo o medo.

Trata-se de uma perícia pluridisciplinar, por não ser uma verdadeira profissão regulamentada, redigida sobre normas ou parâmetros legais, o *profiling* hoje encontra-se em nível de especialização complementando uma profissão ou se tornando a atividade principal de qualquer profissional que desejar apreender o fenômeno criminal e estudar sobre o comportamento humano. Vale ressaltar que, até mesmo essa especialização varia seus métodos de lugar para lugar, a técnica

não possui parâmetros próprios nem regras estabelecidas, os métodos exatos não são divulgados pelo medo do plágio, do questionamento, da crítica ou mesmo medo da ridicularização de suas ideias e da descoberta desses artifícios pelos prováveis futuros transgressores da lei. Mesmo os próprios *profilers* em diferentes partes do mundo e no mesmo país ou região, discordam entre si sobre a melhor maneira de se elaborar um perfil.

Em geral o *profiling* caracteriza-se por levantar hipóteses acerca da personalidade do criminoso e sua motivação, tomando como base a cena do crime que foi deixada, por ele, para trás. O que foi feito com a vítima, a maneira como o crime foi realizado, o “*modus operandis*”¹, a “*signature*”², as características da vítima, os conhecimentos prévios acerca daquele tipo de crime e do provável agressor.

Assim, a partir do conhecimento desses dados podem ser utilizadas técnicas de investigação que variam desde o conhecimento anterior do investigador em relação ao caso até o uso de meios mais complexos como os sistemas de correlação de dados estatísticos em programas de computador, como os softwares LiFA2000, CATCHEM e DRAGNET (este último ilustrado na figura 1), desenvolvidos pelo Centro Para Investigação Psicológica da Universidade de Liverpool em Liverpool – Inglaterra.



DRAGNET, Centre For Investigative Psychology

(Figura 1: DRAGNET)

No caso do DRAGNET trata-se de um pacote de priorização geográfica que a partir da localização das cenas dos crimes faz-se um mapeamento da zona de conforto do agressor priorizando as áreas próximas dessas cenas e utilizando uma

escala de cores. Ele considera áreas como “hot” (quente) e “cold” (fria) e contribui para a identificação da possível “base” do agressor, como pode ser melhor observado nas figuras 2, 3, 4 e 5.

Na figura 2 podemos observar que em primeiro lugar é inserido no mapa pontos que simbolizam exatamente o local das ofensas (somente as consideradas como sendo as do mesmo autor), ou os pontos de desova nos casos de sequestro seguido de morte. Cada ponto preto representa a cena do crime que no caso do exemplo seria um corpo que foi deixado nesses locais.



(Figura 2: locais das ofensas)

Quando todos os pontos são inseridos no mapa simbolizando todas as ofensas possivelmente cometidas pelo mesmo suspeito, o programa é acionado e cria-se um mapa de priorização (figura 3) indicando a zona de conforto do criminoso e a possível região onde estaria localizada sua base, dividindo em uma escala de cores com as diferentes possibilidades de ser o local certo (figura 4).

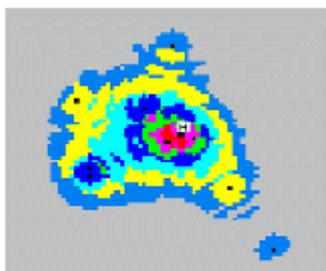
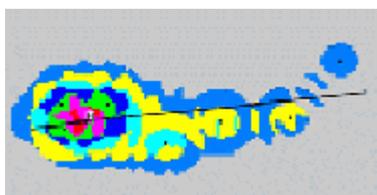


Figura 3: Mapa de priorização



Figura 4: Escala ordenada de cores

A figura 5 representa outro dos recursos desse programa. Ele consegue ajustar os padrões de definição de prioridades para blocos ou quarteirões. Essa opção pode ser usada quando existe a indicação de qualquer estrutura linear existente entre uma série de ofensas. Os resultados (essa linha) podem ser usados quando da existência de uma rede de transportes, por exemplo um trem nessa área, que pode estar sendo utilizado como meio de locomoção do criminoso. O conhecimento dessas informações pode ajudar a polícia local a produzir estratégias de policiamento mais eficazes em torno dessas área na tentativa de captura do suspeito.



(Figura 5: Ajuste de definição específica do programa)

Para Simon Merry (2000), em *Crime Analysis: Principles for Analysing Everyday Serial Crime*, a análise do crime necessita de três pré-requisitos básicos: o primeiro é uma metodologia de acordo com o tipo de crime a ser analisado, depois bons dados e por último a tecnologia para dar apoio. Para ele: “Assuming valid data ant technology is available, I see out to define the most important – The Method.” (p.299)

Pode-se dizer que a metodologia é o coração da análise do comportamento, é ela quem vai definir quais informações do banco de dados são relevantes e em qual sistema essas informações serão processadas. Para analisar o arrombamento, por exemplo, em geral o analisador precisa conhecer esse tipo de crime, desde a Lei que regulamenta as definições e penas até os dados estatísticos sobre quem mais o comete, pois para cada crime existe um método de analisar diferente, baseado nos dados que se tem de todas as transgressões de mesmo tipo cometidas anteriormente.

A análise criminal é uma abordagem moderna que admite que tanto os criminosos quanto os que não o são, possuem individualmente seu grau de

inteligência, suas habilidades e, até certo ponto, deixam rastro de suas ações. Isso quer dizer que mesmo um criminoso planejando cada detalhe da ofensa, mesmo uma pessoa comum decorando um discurso, ela estaria sempre imbuída de sua própria personalidade e demonstraria melhor isso em cada gesto não arquitetado. Sabendo disso o investigador procurará o comportamento ou os comportamentos sequenciados e imbuídos de personalidade que o acusado demonstrou durante a ação delituosa e poderá fazer uso dessas informações para associá-las a mais de um crime, quando for o caso, e atribuí-los a um tipo de autor.

3.1 – A Vitima:

Até o surgimento da criminologia, a vítima não era levada em consideração, a tríade principal era delito-delinquente-pena, e para analisar o crime de forma mais aprofundada, em especial as motivações para tal, descobriu-se necessário fazer também um estudo sobre quem sofria a ofensa. O criminólogo Hans Von Hentig, em seu livro *The Criminal and His Victim* (1948), foi quem primeiro se preocupou em estudar a vítima de forma mais concisa e profunda fazendo, inclusive, as primeiras alusões ao binômio delinquente-vítima e às reparações aos danos sofridos.

Entretanto somente em 1956 com Benjamin Mendelsohn em seu livro *La Victimologie: Science Actuelle* é que a Vitimologia surgiu com essa denominação e com um contexto de disciplina criminológica. Ele a conceitua como sendo a ciência que procura estudar a personalidade da vítima sob os pontos de vista psicológico, criminológico e sociológico na busca do diagnóstico e da terapêutica do crime e da proteção individual e geral da vítima. E finalmente, essa temática veio consolidar-se em 1973 com o 1º Congresso Internacional de Vitimologia na cidade de Jerusalém, em Israel.

Em síntese esse ramo da criminologia observa a vítima biológica, psicológica e socialmente, buscando indicar o posicionamento biopsicossocial dela diante do drama criminal.

A relação criminoso-vítima é de crucial importância para o *profiling*, na medida em que, a partir do estudo da vítima (nos crimes em série) é que se pode ter uma ideia da motivação para tal ato. Nos casos de violação sexual, por exemplo, em que o agressor faz uso de objetos para penetrar a vítima, tem-se a princípio a hipótese de que ele, o criminoso, por algum motivo não pode manter intercurso sexual com o próprio membro e tenta compensar com o uso de objetos, nesse caso, pode se tratar de uma mulher agressora (que não possui o falo) ou de um homem mutilado ou impotente. A partir de outros dados observados apenas na vitimologia, nesse caso do exemplo, a escolha predominante de loiras, com certo tipo físico já deixa a idéia do fator de estresse e do trauma que teria sido causado por uma mulher com aquelas características.

Sempre se procura, inclusive nas vítimas, as características ou traços do crime que se repetem. Quando não são tão claras, como no exemplo citado, no caso de vítimas diferentes entre si, sem distinção de sexo, raça ou nível social, procura-se uma ligação entre elas, algo em comum que possa dar aos investigadores pistas de onde o criminoso possa ter tido contato com elas como, academia, curso, se funcionárias de um mesmo local, frequentam o mesmo bar, restaurante, entre tantas outras coisas.

Descobrir o que fez o agressor escolher aquele tipo de vítima e onde as encontrou, como no caso do *The Yorkshire Ripper* (O Estuprador de Yorkshire) que abordou, sequestrou, mutilou e matou prostitutas entre os anos de 1975 e 1980, nas zonas consideradas de risco das cidades circunvizinhas a Yorkshire como Bradford, Leeds, Halifax e Huddersfield, poderia ter sido de grande ajuda para a investigação, no caso desse estuprador, além de possuir muitas de trânsito no referido local, ele havia sido denunciado por uma prostituta dessa área por tê-la agredido com um martelo. Outro dado interessante nesse caso foi a frequência das agressões, a grande maioria ocorreu aos sábados o que levaria investigadores a desconfiarem de um provável parceiro ou cônjuge, situação que não o permitia se ausentar de casa durante a madrugada todas as noites. De fato, a esposa dele era enfermeira e trabalhava plantões aos sábados, e por só chegar em casa no domingo ela jamais desconfiou das atrocidades cometidas por seu marido.

Se a técnica do profiling tivesse sido usada, ou se nessa época os sistemas fossem integrados, é possível que esses dados, e muitos outros que se observa estudando o caso, mesmo estando em diferentes departamentos de polícia, tivessem sido levados em consideração na investigação e talvez o criminoso não tivesse sido preso somente cinco anos depois do início dos ataques por estar estacionado em local proibido com uma placa de carro falsa.

3.2 – Dificuldades e limitações do método:

A tenra idade da análise criminal não deixa claro, ainda, o que fazer com situações como a de um criminoso que sempre arrombou a porta da frente para adentrar o recinto, e esta seria sua marca, se acontecesse uma cena em que ele não entrou na casa da mesma forma de sempre porque encontrou uma janela aberta. Nesse caso o sistema da forma como o temos hoje poderia falhar.

Na tentativa de diminuir as “brechas” do método, profissionais têm estudado e catalogado o máximo possível de informações sobre as ofensas, desenvolvido cada vez mais técnicas, programas de computador e outros artifícios. Essas técnicas têm se aprimorado tanto que ficaram específicas como a geografia do crime que surgiu daqueles mapas na parede em que pinos eram colocados para marcar o local da cena do crime.

As pesquisas de David P. Farrington e Sandra Lambert (2000) mostraram que, apesar de eficiente, o *profiling* não é muito utilizado nem difundido pelos seguintes motivos: o perfil traçado não pode ser usado para levar ninguém a julgamento, mesmo encaixando perfeitamente o acusado em suas diretrizes, não pode ser utilizado como prova, nem como indício, por isso a investigação tende a dar mais atenção e recorrer a análises clínicas como o DNA, as impressões digitais e à busca de provas concretas.

Copson (*apud* FARRINGTON & LAMBERT, 2000) comentaram acerca da mais extensa pesquisa feita na Inglaterra onde, a partir da coleta de 184 casos (com uma predominância de casos de estupro e homicídio), onde a técnica do *profiling* foi

utilizada por 48 diferentes departamentos de polícia, constatou-se que, apesar do aumento na utilização da técnica por essas forças policiais, de 25 casos em 1992 para 45 em 1993 e 75 em 1994, notou-se que o *profiling* ajudou a solucionar casos 14% das vezes e identificou o criminoso em somente 3% dos casos. No entanto, foi considerado operacionalmente útil em 83% dos casos, ajudou a polícia a compreender o agressor em 61% e reafirmou a segurança dos oficiais sobre suas próprias convicções e julgamentos em 52% do total de casos analisados.

Outro impasse na utilização do perfil criminoso em casos em série está no emprego de uma de suas ferramentas muito utilizadas na tentativa de solicitar a ajuda da população para descobrir a identidade do criminoso, a partir da divulgação do perfil e/ou retrato falado: trata-se da mídia. Todos os dias notícias em que a rádio, televisão, jornais e mais recentemente a internet, mostram claramente cenas de mortes violentas, estupro, falam detalhadamente de assaltos, latrocínio, sequestros, entre outros, podem prejudicar a investigação. São meios de comunicação que apresentam bandidos com um sensacionalismo tamanho quase elevando-os à categoria de heróis, podem elevar a produção de criminosos afins, loucos para se tornarem manchetes na mídia. Reportagens, que detalham a ação e ainda mostram maneiras de fugir e se esvaír, quando não ensinam, podem também aprimorar delinquentes na estruturação de suas técnicas criminosas, bem como aumentar o grau de imitação dos exemplos de desvio de conduta.

3.3 – O *Profiling* Como Expressão do Paradigma Indiciário

Pode-se perceber, claramente, a grande influência do Paradigma Indiciário no surgimento do *profiling* devido a uma série de fatores em comum em relação às suas técnicas. Morelli foi o primeiro a utilizar a observação dos pormenores esquecidos nas obras de arte, a fim de validá-los, afirmando que é nos traços menos preparados e elaborados que se encontram mais manifestações da personalidade daquele que os faz. O *profiler*, por sua vez, procura as pistas mais negligenciadas pelos investigadores comuns, as pistas subjetivas, como os sentimentos e a motivação, ou

seja, signos que se encontram na cena do crime dispostos das mais diversas formas.

Na formação das técnicas do método morelliano está implícito que, para estudar e identificar os traços de cada pintor, Morelli primeiro estudou a fundo as características de cada artista e de cada escola, pois precisava conhecer o máximo possível de suas personalidades para poder identificar a quem pertenciam aqueles desenhos de orelhas, dedos e unhas. Também o *profiler*, em sua técnica, exige antes de tudo, que o profissional tenha um conhecimento prévio acerca daquele tipo de crime, além de referências sobre a classe social, raça e escolaridade dos criminosos.

Ambas as técnicas procuram captar a personalidade do autor: do crime ou da obra de arte. E essa personalidade está impregnada por toda a obra/crime, seja a de um pintor, seja a de um criminoso. Finalmente depois de traçados esses perfis de personalidade as duas técnicas podem se encaminhar em direção à busca do protagonista.

CAPÍTULO 4 – ESTUDOS DE CASOS NA FICÇÃO E NA VIDA REAL

4.1 – O Massacre de Realengo, Rio de Janeiro - RJ

Destaque em rede mundial, a revista relata da seguinte maneira o famoso massacre de Realengo, acontecido na cidade do Rio de Janeiro:

“Aos sete dias do mês de abril do ano de 2011, às 08h e 11min da manhã, entrava na sala 1803 da Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, o ex-aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos. Ele avisou tranquilamente aos estudantes que estava ali para dar uma palestra, colocou a bolsa em cima da mesa da professora e de dentro retirou dois revólveres: um de calibre 32 e outro de calibre 38, com os quais atirou diretamente sobre as cabeças de duas meninas que morreram na hora. O terror e o pânico começavam a se espalhar pela escola, mas mesmo assim ele continuou percorrendo as salas e atirando nos alunos, especialmente em meninas, e antes de ser interceptado por policiais, o atirador já havia matado onze deles, com idades entre 12 e 14 anos.” (Revista VEJA (versão para internet), Abril de 2011, p.82)

Esse massacre, de acordo com a reportagem no site da revista Veja, não tem precedentes no Brasil, ela afirma que com o auxílio da internet, os adolescentes podem saber da lista de crimes semelhantes, realizados em escolas. A revista catalogou vários casos de atentados a escolas, entre eles destacam-se alguns, nas páginas 98, 99 e 100.

- École Polytechnique, Canadá (1989), 14 mortos;
- Colégio thurston, EUA (1998), 4 mortos;
- Columbie, Estados Unidos (1999), 13 mortos;
- Ginásio Gutenberg, Alemanha (2002), 16 mortos;
- Escola Geschwister, Alemanha (2006); 37 feridos;
- Virginia Tech, EUA (2007), 32 mortos;
- Jokela School, Finlândia (2007), 8 mortos
- Kauhajoki Universidade, Finlândia (2008), 10 mortos;
- Albertville Realschule, Alemanha (2009), 15 mortos;
- 2 ataques a escolas na china em 2010, 17 mortos.

Os números de ataques a escolas são bem maiores, mais precisamente 400 ataques nos últimos 100 anos, com um aumento notável na frequência e menor distância entre eles. Constata-se que depois do ataque em Columbie, no início dos anos 90, a internet estava se popularizando e a repercussão desse caso teria sido imensa. Desta forma, valida-se a hipótese antes destacada, de que a mídia pode influenciar semelhantes crimes a partir da divulgação dos primeiros.

Em linhas gerais, esses criminosos possuem muito em comum. O interessante é que a falta dos pais ou a pobreza não são os fatores que ligam esses “pistoleiros de escolas”. Em comum, eles procuraram na internet ideias para o crime. Baseando-se em outros ataques, copiaram roupas, aprenderam a usar armas, divulgaram em redes sociais pistas do que iriam fazer. São jovens, a maioria homens, com baixa auto-estima, frustrações sociais, sexuais, perturbados afetivamente, a maioria possui traços psicóticos e vêm nos assassinos em massa guerreiros a serem imitados, como forma de se vingar pelo *bullying* sofrido e como trampolim para adquirir notoriedade, apesar de ser da pior maneira possível.

Com o assassino de Realengo não foi diferente, relatos da irmã mais velha de 49 anos, apontam para uma pessoa extremamente fechada, antissocial, fissurada

em internet e em atentados como o que aconteceu em 11 de Setembro. Segundo ela, ele também fazia tratamento psiquiátrico, abandonando logo antes da tragédia. A irmã supõe que a morte da mãe agravou sua doença e o deixou mais perturbado. Também foi constatado que Wellington Menezes de Oliveira passou a pesquisar sobre o islamismo, a tentar contatos com grupos terroristas pela internet e a deixar vestígios de que iria fazer alguma coisa parecida com os atentados que tanto gostava de estudar.

Com o aumento na incidência desses casos alguns países como os Estados Unidos da América passaram a investir em estratégias alternativas de prevenção, já que câmeras de segurança e grades de proteção não impedem que a criança venha a se tornar um adulto assassino com sede de vingança. Como medidas de médio e longo prazo, o combate ao *bullying* ganhou terreno dentro das escolas, através de serviços de aconselhamento e medidas que visam a melhoria do relacionamento entre diretores, professores e alunos.

Não se faz necessário esperar que o Brasil registre um considerável aumento de ataques às escolas para se pensar em intervenção. Nestes casos, a técnica do profiling pode ser muito bem aproveitada para identificar essas crianças e adolescentes com dificuldades de adaptação, algum distúrbio ou, até mesmo, aquelas que sofrem de violência psicológica. A intenção com isso é que se pensem em medidas de intervenção para o momento após a descoberta desses casos. Essa técnica, também, pode ser muito bem aproveitada para identificar e deter possíveis ações de carnificinas apresentadas na internet, como é feito em outros países.

4.2 – Criminal Minds, episódio 06 da 3ª temporada

A equipe de análise de comportamento do FBI, no episódio nº6, da 3ª temporada da série da emissora AXN, lançado em 2007, está ajudando nas investigações de um crime macabro em que o suspeito enviava previamente à suas vítimas um panfleto com a foto delas em que figurava o contexto de “desaparecidas”, depois disso é que ele as sequestrava. A primeira vítima apareceu 4 dias depois de sequestrada boiando em um lago próximo à cidade de Dallas, no Texas. O corpo

apresentava sinais de tortura, estupro, os pulmões estavam cheios de água, o que significa que ela morreu por afogamento, estava amarrada a pedras para afundar o corpo e seu rosto havia sido arrancado com um objeto extremamente afiado.

Ao chegar a informação à polícia que outra mulher havia desaparecido depois de ter encontrado semelhante panfleto com sua foto, os agentes locais solicitaram a ajuda da equipe de análise de comportamento do FBI e aí que começa a investigação.

As primeiras avaliações do suspeito se deram devido à maneira com que ele abordava as vítimas, ele as enviava um aviso de que iriam ficar desaparecidas, para torturá-las psicologicamente, depois as torturava fisicamente; assim o consideraram sádico e sofisticado.

No caminho para a cidade onde ocorreu o crime a equipe estuda as informações enviadas por internet e fax, pela polícia que detêm o caso e uma das primeiras providências é estudar a vitimologia. Nesse caso a vítima se apresenta como sendo solteira, morando sozinha, sem namorado, sem ex-marido. Uma arquiteta descrita pelos colegas de trabalho como sendo *workaholic*, basicamente uma solitária que raramente saía de casa, sozinha e com uma rotina tão definida que fora considerada um alvo fácil de ser seguido e capturado. Por ser bonita foi considerado provável que o suspeito a tivesse encontrado casualmente e a colocado como parte em alguma fantasia; e ele a torturaria por ela ter rejeitado uma aproximação. Mas porque torturar e matar? Por causa da raiva?

No local do crime a equipe descobre que a casa onde ela mora pertence a uma rua com casas muito próximas, um vizinhança calma que provavelmente teria notado e denunciado a presença de algum suspeito, pois ele seria facilmente visto por não ter onde se esconder naquela rua. Finalmente, depois de analisarem tudo que possui relação com o crime o perfil do suspeito é traçado. Ele é considerado como sendo um homem branco; pela análise das pegadas ele foi considerado como tendo peso e altura medianos, e esse seria o ponto chave, tão mediano que as testemunhas afirmaram terem visto alguém colando aqueles panfletos de desaparecida no dia do sequestro, mas nenhuma foi capaz de descrevê-lo o que deu a entender, para a equipe, que o suspeito não possui nada de extraordinário e que não passa de uma pessoa extremamente mediana, o que se estenderia à sua

vida profissional, onde provavelmente trabalharia em algo em que não se destacava, dessa forma seria difícil de deixar um marca.

A falta de distinção seria parte da sua psicopatia, afinal, as pessoas interagem umas com as outras, a todo momento, todos os dias, sendo que para ele as pessoas o estariam ignorando propositalmente, especialmente o sexo oposto. Por isso ele começa a ficar obcecado por “aquela” que o rejeita, a ponto de resolver atacá-la. Remover o rosto da vítima consistiria em transferir o sentimento de ser ignorado, o que daria a ele a sensação de poder.

Constatou-se também que o criminoso seria dotado de uma paciência e sofisticação naquilo que faz, sugerindo um certo nível de maturidade o que o colocaria na faixa de 35 a 40 anos.

A primeira vítima foi raptada e desovada com uma distancia de 4 dias, o que dava a ideia dele ter acesso a uma casa ou local em que poderia torturá-la sem que ninguém os visse. Por ter utilizado o computador para fazer os panfletos supunha que ele também teria conhecimento de tecnologia.

Por ser um homem tão comum que ninguém notaria, ficaria mais difícil para a policia descobrir de quem se tratava. A tentativa dos agentes seria, então, a de que ele entrasse em contato com a central, levando em consideração que a cena do crime demonstrava que ele queria enviar uma mensagem para os investigadores. A técnica empregada pela polícia, para isso, seria brincar com a raiva do criminoso, diminuir sua importância, fazê-lo ridículo.

Finalmente a análise das vítimas fica completa, ajudados por uma analista de sistemas que passa todo o episódio tentando encontrar a ligação entre as vítimas. Essa analista descobre que a primeira vítima, a arquiteta, remodelou um andar inteiro de um edifício empresarial onde trabalhava a vítima numero dois. A partir de buscas nesse prédio a equipe encontrou o criminoso e de posse do endereço dele encontraram a segunda vítima que ainda estava viva.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve os objetivos alcançados, uma vez que apresentou, de maneira sucinta, o que é o *profiling* e quais são as técnicas usadas para traçar o perfil psicológico do criminoso e ajudar a polícia nas investigações a fim de descobrir a identidade do criminoso e evitar que ele consiga realizar outro crime.

Foi demonstrado como essas técnicas derivam do paradigma indiciário de Giovanni Morelli, como elas foram aprimoradas e como foram transportadas do universo da arte para o cotidiano da investigação criminal.

Também foi feito um apanhado sobre o comportamento criminoso e algumas teorias que tentam encontrar os motivos que levam um criminoso a transgredir a Lei e a prejudicar a integridade de outras pessoas.

Por fim, o *profiling* apresentou-se como uma técnica consistente na análise criminal, apesar de sofrer algumas críticas. Mesmo submetido a algumas limitações jurídicas, e não podendo ser usado ainda como prova contra o infrator, esse método ajuda, na maioria dos casos, a polícia a compreender o ser humano e suas especificidades subjetivas, não limitando o crime, o criminoso e a vítima, como personagens secundários na investigação técnica, destituída de humanidade.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, Peter B. **Offender Profiling and Crime Analysis**. 1st ed. Oregon: Willan Publishing, 2001.

BAUMAN, Thereza. Da iconografia, da loucura, da história. In: **Revista de História Regional**. Depto. De História – UEPG, vol 2, nº1, p. 69-113. 1997.

BRASIL, Sandra; DINIZ, Laura & SEGALLA, Vinicius. Violência: O Massacre de Realengo. **VEJA: Especial: Massacre de Realengo**. ed. 2212, ano 44, nº 15 . p. 80-85, abril. 2011.

CANTER, David & LAURENCE, Alison J. **Profiling Property Crimes**. 1th ed. Burlington: Ashgate, 2000.

CARELLI, Gabriela. O Que Estes Assassinos Têm Em Comum. **VEJA: Especial: Massacre de Realengo**. ed. 2212, ano 44, nº 15 . p.94-95, abril. 2011.

Centre for Investigative Pshychology. Software DRAGNET. Disponível em: http://www.i-psy.com/publications/publications_dragnet.php. Acesso em 10 de maio de 2011.

FARRINGTON, David P. & LAMBERT, Sandra. Statistical Approaches to Offender Profiling. In: _____: **Profiling Property Crimes**. 1th ed. Burlington: Ashgate, 2000.

FELDMAN, Philip M. **Comportamento Criminoso: Uma Análise Psicológica**. Tradução: Áurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. Do original em inglês: *Criminal Behaviour: A Pysical Analysis*. Londres, John Wiley & Sons, 1977.

FERNANDES, Newton & Valter. **Criminologia Integrada**. 2ª ed. rev, atual e amp. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na Civilização. Disponível em: http://www.opopssa.info/Livros/freud_o_mal_estar_na_civilizacao.pdf, acesso em 20 de abril de 2011.

GUINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HENTIG, Hans Von. **The Criminal and His Victim.** 1st US Edition. Yale University Publishing, 1948.

MERRY, Simon. Crime Analysis: Principles for Analysing Everyday Serial Crime. In: CANTER, David e LAURENCE, Alison J. **Profiling Property Crimes.** 1th ed. Burlington: Ashgate, 2000.

SERAFIM, Antônio de Pádua. Investigação Psicológica da Personalidade na Conduta Criminosa. In: _____. **Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica.** São Paulo: Vetor Editora, 2003.

TEIXEIRA, Duda. O Efeito Viral Das Matanças. **VEJA: Especial: Massacre de Realengo.** ed. 2212, ano 44, nº 15 . p. 96-100, abril. 2011.